II Colóquio do Grupo de Pesquisa Religiões, Identidades e Diálogos

Recife, 17 e 18 de novembro de 2016

TENSÕES E DIÁLOGOS NA INSERÇÃO DO MOVIMENTO HARE KRISHNA NO BRASIL

Leon Adan Gutierrez de Carvalho
Mestrando em História Social da Cultura pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

Resumo

O movimento Hare Krishna foi inserido no Brasil, a partir de 1973, em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife, através de membros da *International Society for Krishna Consciousness* (ISKCON). Durante os anos que se seguiram, diversas tensões se desenvolveram entre esse novo movimento religioso e outros grupos sociais – como os jornais, igrejas e, mesmo, a polícia - que passaram a questionar a boa fé desta e das demais organizações entendidas como "seitas". O movimento Hare Krishna no Brasil teve de se adaptar às maneiras de atuação possíveis nos ambientes de tensão que lhe acompanharam em seu desenvolvimento no país durante os anos 1970 e 1980. Pudemos constatar que, dos anos 1990 em diante, já inserido num contexto de maior diversidade e tolerância religiosa vivido no país e passando por uma reavaliação de seus valores, o movimento entrou numa perspectiva de maior diálogo e inserção de seus membros na sociedade secular. Para uma análise das práticas dos membros do Hare Krishna e sua interação com a sociedade brasileira, utilizamos teóricos como Michel de Certeau, sobretudo na sua obra *A Invenção do Cotidiano*.

Palavras-chave: Movimento Hare Krishna. Novos movimentos religiosos. Religiões no Brasil.

O movimento Hare Krishna: breve introdução

A Sociedade Internacional para Consciência de Krishna (ISKCON – International Society for Krishna Consciousness), fundada em 1966, nos Estados Unidos, pelo guru indiano A. C. Bhaktivedanta Swami Prabhupada (1896-1977), pode ser considerada como um dos novos movimentos religiosos que foram inseridos no Ocidente no contexto das profundas modificações culturais, políticas, sociais e religiosas dos anos 1960 e 1970.

A filosofia e a teologia da ISKCON estão ligadas, não sem adaptações, a uma das principais vertentes do Hinduísmo, o Vaishnavismo. O Vaishnavismo é uma linha de cunho teísta, onde Vishnu ou Krishna (ou qualquer de suas formas ou encarnações) é a divindade pessoal, suprema

e adorável para o seu devoto e que se constitui como a realidade última, sendo onipotente, onisciente e onipenetrante.

Mais especificamente, a ISKCON está alinhada com o Vaishnavismo Gaudiya, surgido no início do século XVI com Sri Chaitanya Mahaprabhu (1486-1534) e seus seguidores. O Movimento de Sankirtana, como foi chamado o movimento de Chaitanya, teve relativa influencia dentro do Vaishnavismo entre os séculos XVI e XVII entrando em franco declínio e contando somente com alguns poucos gurus influentes. Em fins do século XIX e início do XX, o Vaishnavismo Gaudiya tomou um novo impulso com Bhaktivinodha Thakura (1838-1914) e, depois dele, com Bhaktisidhanta Sarasvati (1874-1937) que realizam um tipo de modernização do Vaishnavismo Gaudiya, de sua história, seus ensinamentos, livros e lugares sagrados. Bhaktisidhanta Sarasvati funda então a Gaudiya Math que se constituiu como primeira instituição formalmente constituída para o Vaishnavismo Gaudiya, tendo em 1937, 64 centros na Índia e publicando três jornais diários sobre seu movimento (BRZEZINSKI in BRYANT; EKSTRAND, 2004). Foi Bhaktivedanta Swami Prabhupada quem parece ter dado continuidade ao processo de modernização ao realizar a "universalização" do Vaishnavismo Gaudiya com a instituição da ISKCON em Nova Iorque, no ano de 1966 (SILVEIRA, 2014).

Apesar de ser parte de um processo de expansão do Vaishnavismo Gaudiya, o movimento Hare Krishna seria inserido no Ocidente como uma inovação, uma reinvenção marcada pela adaptação de uma tradição religiosa em um meio cultural completamente diferente daquele original.

A principal prática do movimento Hare Krishna, assim como no Vaishnavismo Gaudiya, é o canto e a meditação nos mantras em glorificação a Krishna, entendido como Deus supremo. Sua filosofia, teologia e cânones são herdados do Vaishnavismo Gaudiya e, nesse sentido, a ISKCON não seria diferente de sua tradição. Todavia, a forma como foi apresentada essa

tradição por Prabhupada - que visava fundar uma sociedade internacional de *vaishnavas* (adeptos do Vaishnavismo) no Ocidente – teve as astúcias de uma operação de risco, pois certamente, muitas adaptações, ressignificações e concessões tiveram de ser realizadas ainda que ele procurasse não se desvincular da tradição que representava.

Livros como a *Bhagavad Gita* e o *Bhagavata Purana*, livros clássicos dentro da esfera do Vaishnavismo, foram as principais obras traduzidas e comentadas por Prabhupada que, assim o fez, sob a luz daquilo que queria estabelecer para a sociedade que fundara.

Alguns aspectos éticos e morais estabelecidos por Prabhupada para os membros da ISKCON foram: o vegetarianismo, a regulação sexual (em diferentes níveis a depender da posição sociorreligiosa assumida) e a proibição do uso de drogas e dos jogos de azar.

A renúncia da perspectiva de livre desfrute da vida material, o estímulo à vida monástica, missionária e comunitária, além de uma forte separação entre os sexos nos espaços comunitários, seriam características na forma de organização interna da ISKCON nas suas primeiras três ou quatro décadas de existência. O objetivo desse estilo de vida seria o de tornar a vida de um Hare Krishna, amplamente ressignificada, sacralizada, no sentido contrário ao processo de dessacralização em andamento no mundo ocidental.

O movimento Hare Krishna no Brasil entre tensões e diálogos

A ISKCON se expandiu rapidamente no Ocidente no contexto do crescimento dos novos movimentos religiosos e em 1973 seus primeiros membros chegaram no Brasil. Eles eram Americanos vindos do Havaí e chegaram a cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife como

missionários independentes e acabaram por formar os primeiros grupos de adeptos brasileiros do movimento Hare Krishna.

A história da ISKCON no Brasil pode ser dividida em três fases[1]: (I) 1973-1977, marcada pelo pioneirismo; (II) 1978-1996, caracterizada pela expansão e institucionalização da ISKCON no país; (III) de 1997 em diante, onde o movimento passaria por uma crise de paradigmas e uma renovação (CARVALHO, 2014).

A primeira fase do Hare Krishna no Brasil foi marcada pelo processo de difusão de um novo movimento religioso, ainda sem um "lugar"[2]. O movimento seria introduzido no Brasil (173-1974) por missionários independentes que, sem recursos, nem apoio institucional, formaram pequenos grupos de simpatizantes em São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife. Mesmo, em 1975, quando missionários enviados pela ISKCON dos Estados Unidos vieram para estabelecer formalmente um templo em São Paulo, eles não contavam com recursos financeiros ou humanos vindos de fora e tinham por objetivo fazer florescer aqui um movimento contando apenas com a "astúcia" como arma[3].

Nesse período, o movimento Hare Krishna foi tido com desdém pela mídia e pelo regime militar, como uma minoria religiosa, fruto do modismo da contracultura ou do "orientalismo"[4].

[1] Utilizamos aqui uma divisão baseada em outra elaborada pelo antropólogo Silas Guerriero (2001), o primeiro estudioso do movimento no Brasil.

[2] Aqui tomamos a concepção que Michel de Certeau (2012) concede ao conceito de "lugar", como um espaço ocupado por um "próprio", por aquele que detém um poder (sobre os espaços, sobre os discursos, etc.).

[3] Segundo Certeau (2012, p. 95), "o poder se acha amarrado à sua visibilidade. Ao contrário, a astúcia é possível ao fraco, e muitas vezes apenas ela, como 'último recurso'". E continua, na mesma página: "quanto mais fracas as forças submetidas à direção estratégica, tanto mais esta estará sujeita à astúcia, tanto mais se torna tática".

[4] O "orientalismo" seria uma palavra comum no período para se referir ao fenômeno da inserção da cultura e religiosidade oriental no Ocidente e seu "consumo" pelos ocidentais (GUERRIERO, 2009).

A segunda fase seria caracterizada pela institucionalização e difusão do movimento no país, além de uma grande tensão com a mídia. Entre 1978 e 1984, haveria um grande debate na mídia acerca dos novos movimentos religiosos que, pejorativamente, os caracterizaria enquanto "seitas". A perda gradual da hegemonia da Igreja Católica e eventos trágicos ou polêmicos envolvendo esses novos grupos desencadearam um "efeito avalanche" para os novos movimentos religiosos, pois a cada nova denúncia ou reportagem sobre o assim chamado "problema das seitas", o que afetava pública de uma, acabava por afetar as outras já que havia um discurso generalizante da mídia a respeito. Mas, apesar disso, a ISKCON não deixou de se desenvolver.

O movimento Hare Krishna, como grupo minoritário e estranho a cultura religiosa brasileira, sem uma mídia favorável e sem muitos recursos, adotaria uma série de "táticas"[5] para sobrevivência, tanto de seus membros, quanto da próprio movimento religioso, como a venda de livros e outros artigos, o canto e a distribuição de convites nas ruas e locais públicos dos centros urbanos. Essas táticas fariam com que seus livros, seu estilo de vida e sua pregação pudessem chegar ao seu público alvo e, quem sabe, pudesse converter novos membros.

De 1985 a 1989, templos são abertos nas principais cidades do país. Além disso, uma ligação mais amistosa com a mídia como a se desenvolver, talvez, por já não se constituir mais como uma novidade, algo estranho e desconhecido da população das grandes cidades. A partir da década de 1990, a ISKCON passa a sofrer uma diminuição da distribuição de livros,

[5] Para Certeau (2012, p. 94), a tática é a "[...] a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha". As táticas se opões às "estratégias" que seriam o fruto das articulações daquele que possuem um lugar de poder, de enunciação, de discurso, etc.

motivada possivelmente pela perda do elemento "novidade", por problemas de organização interna e, talvez, pelo próprio processo de globalização.

O ano de 1996 seria festivo para a ISKCON pela comemoração do centenário de seu fundador, Prabhupada. Todavia, evidenciaria uma série de problemas institucionais e mudanças de perspectiva: a distribuição de livros não seria mais capaz de ser a única grande fonte de renda para manutenção da instituição; de uma perspectiva majoritariamente comunitária, a ISKCON passaria a ver a maior parte dos seus membros inseridos na sociedade secular, dispondo de menos tempo para a dedicação missionária; as tensões ocasionadas pela inserção e o crescimento de outras instituições *vaishnava gaudiya* fundadas por ex-membros da ISKCON ou vindas da Índia; a rigidez e a centralização administrativas se tornaram inviáveis em uma sociedade em que tinha a maior parte de seus membros como internos e passou para uma realidade congregacional, causando uma ineficiência administrativa.

Os diversos aspectos dessa segunda fase que envolveu a ascensão, estabelecimento e declínio da forma de atuação "tradicional" do movimento fizeram com que uma crise de paradigmas se estendesse pelo terceiro período que vai dos anos seguintes ao Centenário de Prabhupada até os dias atuais. Nesse período, a ISKCON passou por um processo de auto avaliação e ressignificação que se encontra em andamento ainda na atualidade.

Conclusão

Vimos de forma resumida, algumas das nuances com que o movimento Hare Krishna teve de lidar, desde o seu início, em 1973, até a sua terceira fase, que se daria de 1997 até os dias atuais e que ocasionaram

uma revisão de seus valores, práticas, tornando mais complexa e plural a dinâmica de identidade da ISKCON.

Algumas tensões se tornaram evidentes na instituição hoje, revelando aspectos de seu desenvolvimento histórico entrelaçados ao próprio caminhar da sociedade brasileira e seu campo religioso: tensões entre a "tradição" e a "inovação" ou entre o modelo instituído por Prabhupada e as novas necessidades e exigências de seus membros inseridos nas questões da contemporaneidade que causam conflitos entre os mais "conservadores" e os mais "liberais" (se é que podemos chamar assim); tensões entre a influência de sua própria tradição indiana, promovida pelo contato com o Vaishnavismo Gaudiya indiano e a normatização promovida pelo seu corpo administrativo institucional o GBC (*Governing Body Comition*); e tensões próprias do campo religioso brasileiro, tais como a intolerância religiosa, o forte crescimento das igrejas pentecostais e neopentecostais e a diminuição do interesse pelas religiões indianas de teor mais ortodoxo.

Os elementos dispostos aqui não são concludentes. Infelizmente, existem poucos estudos sobre o movimento Hare Krishna no Brasil, todavia, esperamos, com esse trabalho contribuir para o fomento de maiores reflexões e debates sobre o assunto.

Referências

BRYANT, E.F; EKSTRAND, M.L. (ed.). **The Hare Krishna Movement**: The postcharismatic fate of a religious transplant. New York: Columbia University press, 2004.

BRZEZINSKI, Jan. Charismatic renewal and institutionalization in the history of gaudiya vaishnavism and the Gaudiya Math. In: BRYANT, E.F; EKSTRAND, M.L. (ed.). **The Hare Krishna Movement**: The postcharismatic fate of a religious transplant. New York: Columbia University press, 2004.

CARVALHO, Leon A. G. de. **Uma movimentação estranha na Capital do Agreste**: A história do Movimento Hare Krishna na cidade de Caruaru-PE (1986-

2013). Monografia (Especialização em História). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru, Caruaru, 2014.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. 19ª ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GUERRIERO, Silas. O Movimento Hare Krishna no Brasil: uma interpretação da cultura védica na sociedade ocidental. **Rever**, nº 01, 2001, p. 50-55.

_____. Caminhos e descaminhos da contracultura no Brasil: o caso do Movimento Hare Krishna. **Revista Nures**, PUC/SP, n. 12, mai./ago. 2009. Disponível em <http://www.pucsp.br/revistanures/Revista12/nures12_silas.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2016.

SILVEIRA, Marcus Silva da. The universalization of the Bhakti Yoga of Chaytania Mahaprabhu: etnographic and historic considerations. **Vibrant**, v. 11, n. 2, 2014.